



Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Geografia - UFPR

INDUSTRIALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE LONDRINA-PR: PROCESSO INICIAL E TRANSFORMAÇÕES RECENTES

INDUSTRIALIZATION IN THE COUNTY OF LONDRINA-PR: INITIAL PROCESS AND RECENT TRANSFORMATIONS

(Recebido em 28.06.2015; Aceito em: 11.05.2016)

Thiago Bueno Saab
Mestre em Geografia
Universidade Estadual de Londrina
Londrina, PR, Brasil
e-mail: thiagobuenosaab@hotmail.com

Cláudio Roberto Bragueto
Prof. Dr do Dep. de Geografia
Universidade Estadual de Londrina
Londrina, PR, Brasil
e-mail: bragueto@uel.br

RESUMO

O município de Londrina, situado no norte do Paraná, é o segundo mais populoso do estado. Apresentou um crescimento importante do setor industrial a partir dos anos de 1990, porém, poucos estudos trataram desta temática. O presente artigo verifica a industrialização do município de Londrina durante o período compreendido entre os anos de 1992 a 2011, tendo ainda os seguintes objetivos específicos: analisar a dinâmica industrial londrinense; evidenciar quais são os ramos industriais mais relevantes e efetuar um breve relato sobre a construção histórica da industrialização em Londrina. Também foi realizada uma classificação metodológica dos níveis de intensidade tecnológica, a qual resultou na agrupação dos ramos industriais em dois grupos: os de menor e os de maior intensidade tecnológica. A metodologia utilizada pautou-se na busca por bibliografias de cunho teórico-conceituais, em especial sobre a reestruturação produtiva recente e sobre a industrialização de Londrina. Os dados sobre estabelecimentos, número de pessoal ocupado e valor adicionado foram obtidos de consultas a bancos de dados do Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES) e da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), a qual tem vínculo com o Ministério

do Trabalho e Emprego. Como resultado, fica claro que Londrina tem, desde 1990, um efetivo crescimento industrial, concentrado principalmente nos ramos de menor intensidade tecnológica. Este crescimento ocorreu principalmente em função das condições gerais de produção estabelecidas historicamente, uma vez que o principal instrumento de atração de investimentos adotado pelo estado do Paraná, no período, apresentou um número reduzido de empresas instaladas no município.

Palavras-chave: Industrialização; Dinâmica industrial; Londrina; Intensidade tecnológica industrial.

ABSTRACT

The county of Londrina, located in Northern Paraná, is the second most populous the state. Since 1990, it has presented an important growth in the industrial sector; however, studies are scarce on this topic. The present article analyzes the industrialization process of the county of Londrina, with the following specific objectives: to analyze the city's industrial dynamics; to evidence the most relevant industrial sectors and make a brief report on the history of industrialization in Londrina. A methodological classification of the technological intensity levels was also carried out, which resulted in the classification of the industrial sectors into two groups: those with greater or lesser technological intensity. The methodology used was based on the search for theoretical-conceptual bibliographies, specially those on the recent production restructuring and industrialization of Londrina. Data on establishments, number of personnel, and value added were obtained from the IPARDES (Social and Economic Development Institute of Paraná) databank and RAIS (Annual Report on Social Information), which are connected with the Labor and Employment Department. As a result, it becomes clear that Londrina has had, since 1990, an effective industrial growth, concentrated mainly in the sectors with less technological intensity. This growth occurred mainly due to the production general conditions established historically, since the main investment attraction instrument adopted by the state of Paraná, in this period, showed a reduced number of companies installed in the county.

Keywords: Industrialization; Industrial Dynamics; Londrina; Industrial technology intensity.

INTRODUÇÃO

O município de Londrina é o segundo mais populoso do estado do Paraná e fica situado na mesorregião geográfica Norte Central Paranaense e na microrregião geográfica de Londrina, sendo também o principal município da região metropolitana de Londrina que, de acordo com Paraná (2013), conta com 16 municípios e uma população aproximada de um milhão de habitantes. Dessa forma, Londrina

configura-se como uma cidade polarizadora de municípios do norte do Paraná e até do sul de São Paulo, abrigando várias universidades e instituições de pesquisas, possuindo um setor terciário dinâmico e um setor industrial de relevância considerável.

O presente artigo tem como enfoque principal a industrialização do município de Londrina durante o período compreendido entre os anos de 1992 a 2011, e os objetivos específicos são: analisar a dinâmica industrial londrinense; evidenciar quais são os ramos industriais mais relevantes e efetuar um breve relato sobre a construção histórica da industrialização em Londrina.

O tema abordado justifica-se tendo em vista que, não obstante a importância da cidade de Londrina como centro regional, com destaque para os setores comercial e de serviços, constantemente se tem questionado a sua “estagnação” quanto ao crescimento industrial. Contudo, mesmo com essa discussão caracterizando-se como algo recorrente na imprensa e nos debates políticos, poucos trabalhos científicos foram realizados sobre o setor industrial londrinense

A metodologia utilizada para a análise da dinâmica industrial londrinense no período de 1992 a 2011, pautou-se na busca por bibliografias de cunho teórico-conceituais, em especial sobre a reestruturação produtiva recente, assim como naquelas que retratassem o início da industrialização em Londrina. Uma das formas de acesso a esse material foi a consulta a bancos de teses e de dissertações das principais universidades do País, como os da USP, UNICAMP, UNESP, UEL, UEM entre outras. Os dados sobre estabelecimentos, número de pessoal ocupado e valor adicionado foram obtidos de consultas a bancos de dados do Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (*IPARDES*) e da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), a qual têm vínculo com o Ministério do Trabalho e Emprego.

Outra discussão metodológica realizada foram as diversas classificações do nível de intensidade tecnológica das indústrias a partir dos ramos industriais, como a da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), que faz uso dos indicadores de intensidade de pesquisa e desenvolvimento – P&D (dispêndio em P&D/ valor adicionado), de estrutura do gasto em P&D e de recursos humanos por setor da indústria. É sabido que alguns ramos mais ligados aos setores industriais tradicionais demandam menos tecnologia para a execução dos processos

de transformação industrial quando comparados a outros setores industriais que necessitam de mais investimentos e mais tecnologia para a produção industrial.

Nesse sentido, a indústria que é uma atividade geradora de riqueza terá, também, diferenciações no tocante ao valor financeiro produzido pelos diferentes ramos industriais. Os setores que empregam maior tecnologia em seus processos produtivos irão, com algumas ressalvas, auferir maior renda, enquanto os que possuem em seus ramos menor intensidade tecnológica irão, de maneira geral, produzir menor renda, porém são mais intensivos no uso de mão de obra.

No presente trabalho, utilizou-se da classificação proposta por Bragueto (2007) em sua tese, também empregada por Saab (2014), fruto de uma compatibilização e classificação do autor, conforme a indicação dos ramos pelo IPARDES e MTE/RAIS. O autor estrutura os setores industriais em dois grupos, os de maior e os de menor intensidade tecnológica e, a partir dessa estruturação, tem-se a seguinte classificação:

Setores da indústria de maior intensidade tecnológica: Mecânica; Material elétrico e de comunicações; Material de transporte; Química, produtos farmacêuticos, veterinários, perfumaria, sabões e velas.

Setores da indústria de menor intensidade tecnológica: Têxtil, Vestuário, artefatos de tecidos e calçados; Produtos alimentícios, bebidas e álcool etílico; Produtos minerais não metálicos; Metalúrgica; Madeira e mobiliário; Papel e papelão, editorial e gráfica; Borracha, fumo, couros, peles, similares e diversas; Produtos de matérias plásticas e Extrativa mineral.

Algumas considerações teóricas sobre o processo de industrialização

É necessário pontuar que, desde a primeira revolução industrial, por volta de meados do século XVIII, a indústria já era produtora de riqueza. Ainda, segundo Botelho (2008), a localização das indústrias no território faz parte de um processo de produção do espaço que não é neutro, mas fruto de uma projeção de relações sociais, marcado por processos de disputas, interesses e lutas de classes. Sendo assim, Botelho (2008) aponta a importância do espaço da indústria, destacando que ele é mais amplo do que pode parecer a princípio, pois se relaciona não só à urbanização e à formação das grandes metrópoles, como também com os bairros

operários, com o processo de concentração espacial e com a própria arrumação do território nacional.

É importante destacar que a partir da década de 1970 a indústria sofreu mudanças consideráveis, criando espaços desiguais e com funções distintas dentro da divisão territorial do trabalho. Para Harvey (1992), as mudanças do fordismo vão além das instalações industriais, mas perpassam também pelos campos social, econômico e político.

Sobre esse processo, nominado de reestruturação produtiva, Lencioni (2003, p.178) comenta, em linhas gerais, o impacto dessas alterações no mundo produtivo:

a desconcentração produtiva e a expansão do sistema financeiro, constituindo-se um único mercado mundial de valores e crédito, inscrevem a hegemonia dos fluxos imateriais em várias direções e sentidos, em que as sedes supranacionais das empresas se situam em algumas metrópoles, as chamadas cidades globais, e regionalizam o comando da acumulação mundial. A produção se desterritorializa para produzir e reproduzir tanto condições locais como condições globais de acumulação capitalista. Nesse sentido, reconstrói-se a referência espacial em que o onde tende a se tornar opaco.

Assim, como estratégia de reorganização do capital, houve a ampliação da mobilidade geográfica, tendo a indústria capacidade de se instalar em lugares longínquos de sua sede. É a indústria que produz grande parte da riqueza e, dessa forma, as regiões passaram a competir para receber novas indústrias e, diante dessa realidade, quanto melhores as condições gerais de produção oferecidas por uma região ou por uma cidade, maiores seriam as possibilidades de atração das atividades industriais.

Portanto, para ampliar a discussão sobre os novos condicionantes do processo de industrialização, é pertinente utilizar o conceito de condições gerais de produção, pois é o que explica, em parte, o fenômeno de diferenciação entre as regiões, uma vez que as condições gerais de produção possibilitam a fixação industrial e todo seu processo de produção, circulação e reprodução do capital, mas não é em si a razão fundamental da atividade industrial. Assim, compreende-se que as condições gerais da produção são na realidade as que viabilizam os processos de produção.

Sobre esse conceito, Lencioni (2007) afirma que as condições gerais de produção são denominadas de gerais, pois viabilizam não apenas um capital, mas

um conjunto de capitais, por isso que seu consumo é coletivo. As condições gerais de produção podem ser divididas em dois grupos principais: (1) os que têm conexão direta com a produção (bancos, alguns serviços, redes de circulação material (rodovias, ferrovias, hidrovias, oleodutos) redes de circulação imaterial (telecomunicações e informática); e (2) os que têm conexão indireta com a produção (escolas, hospitais, centros de lazer, esportivos, culturais).

Entende-se por condições gerais de produção o elo entre a produção imediata ao ciclo da produção e circulação da produção, ou seja, o próprio ciclo de produção e reprodução do capital. Dessa forma, as condições gerais de produção se configuram como a mediação entre o processo imediato da produção com o processo global da produção, sendo que esse último contempla desde as fases de obtenção da matéria-prima até a circulação final do produto.

No contexto da reestruturação produtiva, amplia-se a mobilidade espacial do capital, criando espaços desiguais e com funções distintas, desempenhando uma nova função na chamada divisão territorial do trabalho. Portanto, a divisão territorial do trabalho é outro conceito relevante para o entendimento da industrialização e da economia globalizada, haja vista que esta se afirma como definidora de funções dentro do espaço. Sobre esse conceito, entende-se que

[...] é um fato da produção e das trocas que compõem a estrutura das modernas economias. É nas sociedades de base industrial que melhor se aplica à máxima smithiana de que o tamanho do mercado é o tamanho da divisão do trabalho e vice-versa, o tamanho da divisão do trabalho é o tamanho do mercado (MOREIRA, 2008, p. 123).

Para Smith (1988), a própria diferenciação do espaço geográfico a que se chama de divisão territorial do trabalho deriva da divisão social do trabalho mais geral. Assim, entende-se que

a divisão territorial do trabalho foi, com efeito, fortemente influenciada pela diferenciação natural da Terra, ou mesmo apoiada nela. Mas com o surgimento do capitalismo, não foi somente a própria sociedade, mas também a relação da sociedade com a natureza que se revolucionou. A divisão territorial do trabalho libertou-se cada vez mais de suas raízes na natureza, e na medida em que ela sobrevive é apenas mantida por uma nova base material. Certamente, o capitalismo herdou uma divisão territorial do trabalho radicada nas diferenciações naturais e essa divisão territorial se mantém em proporção maior ou menor, mas ela subsiste como um fato — relíquia para os ditames de uma nova sociedade, com um novo conjunto de

forças que tendem para a diferenciação das condições e dos níveis de desenvolvimento (SMITH, 1988, p. 158).

O mesmo autor também aponta que a diferenciação interna dos territórios nacionais em regiões identificáveis é a expressão geográfica da divisão do trabalho, tanto no nível de capitais individuais quanto no da divisão particular de trabalho (entre setores). Assim,

diferentes setores da economia nacional e internacional estão concentrados e centralizados em certas regiões. Isto é o que geralmente chamamos de divisão territorial do trabalho. Ela opera numa escala maior do que a urbana, que é um único mercado de trabalho geográfico, mas abaixo da divisão internacional do trabalho, onde a mobilidade do trabalho entre diferentes nações-Estados é severamente restringida (SMITH, 1988, p. 207).

Trazendo essa discussão para o Brasil, tem-se que

[...] as sucessivas formas de divisão territorial do trabalho costuraram uma relação sociedade-espaco cujos efeitos sociais (distribuição das oportunidades de emprego e renda), econômicas (custos de produção e escoamento) e socioambientais (desarrumação dos espaços) são evidentes, ensejando pressões generalizadas por reconfigurações e mudanças (MOREIRA, 2008, p. 123).

Para Moreira (2008), a nova divisão territorial no Brasil que emergiu após 1950, promoveu a redivisão do trabalho a partir do surto industrial do Sudeste e que afetou as regiões Nordeste e Sul, pois o Sudeste, que tinha, até certo momento, toda uma estrutura produtiva voltada para agricultura, quando começa a industrializar-se “repassou” essa tarefa para o Nordeste e o Sul, para ter como atividade principal a indústria.

O caso londrinense enquadra-se na realidade descrita acima, portanto é a fase em que o norte do Paraná, logo Londrina, insere-se na divisão territorial do trabalho como a principal região produtora de café do País.

No Brasil, durante o período compreendido entre a década de 1970 e os anos 2000, pode-se pontuar a década de 1980 como a década perdida, principalmente no campo econômico, pois como aponta Marangoni (2012), essa década representou baixas taxas de crescimento do PIB e aceleração da inflação, passando pela diminuição da produção industrial, do poder de compra dos salários, do nível de emprego, do balanço de pagamentos e inúmeros outros indicadores. O resultado do

período foi medíocre, com uma desaceleração que representou uma queda vertiginosa nas médias históricas de crescimento dos cinquenta anos anteriores.

Para Dedecca (2003), os anos de 1990 foram marcados pela primazia da diretriz política neoliberal, sendo que importantes transformações atingiram a sociedade brasileira, com mudanças na estrutura econômica e social brasileira. O autor supracitado aponta que no período não houve redução das desigualdades no Brasil e que também ocorreu uma deterioração ponderável da distribuição entre lucros e renda do trabalho em favor do primeiro e uma ampliação dos diferenciais de renda entre os rendimentos oriundos do trabalho.

Sobre os anos 2000, Brasil (2012) aponta que o crescimento econômico verificado no início dessa década, por sua vez, está diretamente relacionado com a expansão do mercado consumidor interno, impulsionado, nos últimos anos, pela política de valorização do salário-mínimo, pela política de transferência de renda para os mais pobres e pela expansão do crédito. Outra dimensão importante desse padrão, baseado no mercado interno, é o impacto positivo e relativamente equilibrado na ampliação de todos os segmentos da economia como a indústria, o comércio, serviços, agricultura, construção civil e outros.

Feita essa breve exposição de alguns elementos importantes para a compreensão da temática da industrialização, bem como da conjuntura brasileira, no próximo tópico deste artigo será debatida a realidade do estado do Paraná e de Londrina, haja vista que o primeiro se constitui como um importante promotor de políticas públicas voltadas para a industrialização e o segundo é o nosso recorte espacial propriamente dito.

O processo inicial de industrialização de Londrina

A produção industrial do estado Paraná até o final dos anos de 1960 era bastante incipiente, de modo que Bragueto (1996) afirma que essa era ligada aos setores mais tradicionais, como a exploração e o beneficiamento de produtos naturais ou um primeiro beneficiamento de produtos agrícolas, condição essa resultante da inexistência de um conjunto de fatores que mantinha sua economia voltada para o setor primário.

A partir da década de sessenta, conforme Augusto (1978, p. 25), a constatação de

[...] uma tendência ao empobrecimento relativo do estado em face da utilização que era dada ao excedente gerado pela produção cafeeira, somada a tendência de crise no mercado internacional do principal produto, levaram a “opção” pela industrialização.

Nesse sentido, a atuação do Estado para a promoção da industrialização do Paraná foi importante, inicialmente, ainda nos anos de 1960, criando a Companhia de Desenvolvimento do Paraná (CODEPAR), cuja principal contribuição foi dotar o estado da infraestrutura básica, em especial, produção e distribuição de energia e ampliação da malha rodoviária. Bragueto (2007) afirma que, na década de setenta, o parque industrial paranaense teve um salto qualitativo, em função da oferta de infraestrutura básica, iniciada na década anterior, assim como com projetos diretamente vinculados à atração de investimentos industriais. Destacam-se entre estes a constituição da Cidade Industrial de Curitiba e ações do governo federal que culminaram na implantação da Refinaria de Araucária. Além disso, o processo de industrialização da agricultura amplia os setores industriais ligados a ela principalmente no interior do estado.

Nesse contexto, já era perceptível, em meados da década de 1970, a diferenciação entre as plantas industriais da região metropolitana de Curitiba e as do interior, pois

[...] o Estado do Paraná vê localizar-se na RMC algumas plantas industriais importantes, seja pelos possíveis efeitos encadeadores a jusante e a montante de cada aparelho produtivo. Além da Volvo e da New Holland, várias empresas de capital externo aportam na região, tais como a Bosch, Nippodenso, Siemens, Furukawa, entre outras, que mostravam novos mercados para as empresas locais ofertarem uma maior gama de produtos que poderiam intensificar o adensamento produtivo (FARAH JÚNIOR, 2004, p.116).

Já no interior do Estado,

[...] foram alocados, em sua maioria os investimentos destinados à modernização dos ramos considerados tradicionais, como o madeireiro, papel e celulose, bem como à diversificação e ampliação do agronegócio da soja, do café, laticínios, milho, rações, frigoríficos etc. (FARAH JÚNIOR, 2004, p.135).

Dentre os municípios do interior do estado, Londrina passa a apresentar certo destaque a partir da década de 1980. Segundo Bragueto (1996) Londrina estava interligada aos centros comerciais mais importantes, São Paulo e o Rio de Janeiro e aos portos de Santos e Paranaguá, além de oferecer uma localização estratégica para a produção.

Passada a forte crise dos anos de 1980, há uma retomada do crescimento industrial a partir dos primeiros anos da década de 1990. No Paraná é possível verificar

[...] que a indústria de menor intensidade apresentou uma queda constante na participação relativa quanto no valor adicionado pelo setor industrial passando de 61,09% em 1985 para 51,6% em 2004 (BRAGUETO, 2007, p.140).

Simultaneamente, a indústria de maior intensidade seguia em um movimento distinto, pois,

[...] apresentou um crescimento lento entre 1992 e 1998, passando de 38,74% do valor adicionado da indústria paranaense, para 44,76%, respectivamente. A partir de 1998, o crescimento se acelera, chegando a pouco mais de 51% em 2002 (BRAGUETO, 2007, p. 140).

Essa nova dinâmica industrial foi mais intensa e concentrada na Região Metropolitana de Curitiba, porém houve, igualmente, transformações importantes no interior do estado, portanto no município de Londrina.

A dinâmica econômica do município de Londrina até o final dos anos de 1980 está muito vinculada ao processo de colonização e transformações do espaço agrário e pode ser sintetizada na seguinte periodização:

[...] a) O período de 1930 a 1962 em que há o avanço e o predomínio da cafeicultura; b) de 1962 a 1975, em que tem o início o processo de transformação agrária, num primeiro momento com o declínio da cafeicultura e expansão da pecuária, num segundo momento, com o avanço das culturas temporárias mecanizadas, em conformidade com o novo padrão de acumulação do país e; por fim, de 1975 até os dias atuais, em que a industrialização da agricultura que se iniciara no período anterior se consolida (BRAGUETO, 1996, p. 258).

Quanto à inserção e participação da Microrregião Geográfica de Londrina, na divisão territorial do trabalho, na metade do século XX, se dava

[...] fundamentalmente como produtora de café e em menor escala como fornecedora de produtos alimentares, culminando em 1960, com o café

representando 68% da área colhida, enquanto as culturas alimentares (milho, feijão e arroz), em conjunto participavam com 31% desta área. (BRAGUETO, 1996, p. 260).

Mediante as considerações de Bragueto (1996, p. 261) as transformações na estrutura agrária a partir de 1962, fez com que a Microrregião Geográfica de Londrina assumisse um novo papel na divisão territorial do trabalho. Tais transformações ocorrem

[...] a partir das modificações do capitalismo no Brasil, ou seja, a passagem para uma nova forma de acumulação, marcada pela industrialização pesada, que nasce vinculada ao capital internacional e com o amparo do Estado. A consolidação desta acumulação comandada pelo capital monopolista fez-se em dois momentos: o primeiro esforço de industrialização pesada, com o Plano de Metas, no quinquênio 1956/1960 e, passada a crise de 1962/1967, sua etapa culminante (a do “milagre brasileiro”), entre 1967 e 1974, que se estende – embora com uma desaceleração – até 1980, quando se conclui a instalação dos setores de bens de consumo durável, de bens intermediários e de capital.

As mudanças ocorridas na produção agrícola na Microrregião Geográfica de Londrina foram respostas para atender as necessidades da dinâmica da acumulação monopolística, que

[...] a partir do final da década de 1960 e principalmente nas décadas seguintes, marcadas por mudanças na produção agrícola diretamente vinculadas às necessidades de reprodução do capital industrial. Porém, a primeira manifestação deste processo na região vai se dar nos primeiros anos da década de 60, quando se acentua a crise da cafeicultura e como conseqüência tem início a desagregação desta atividade, ocorrendo inicialmente um crescimento acentuado da pecuária e, já a partir de 1970, com a intensificação da industrialização da agricultura, há uma redefinição da forma agrícola de produzir, havendo alterações significativas na utilização da terra, com o crescimento das lavouras temporárias para exportação e para processamento industrial, em detrimento das culturas alimentares de consumo interno e do café. No entanto, mesmo com tais transformações o café se mantém com maior importância que as lavouras temporárias até 1975. A partir de então, há a consolidação da produção agrícola em base material industrial, o que acentua as transformações de caráter social, ou seja, concentração fundiária e proletarização do trabalhador rural (BRAGUETO, 1996, p. 262).

Portanto, a dinâmica econômica do município estava fortemente vinculada à produção agrícola. Porém, como destaca Cesário (1981), já na década de 1950, com a crescente urbanização que Londrina apresentava, havia uma demanda por produtos industrializados no mercado consumidor, o que formou o embrião da industrialização na própria região. Foi nesse período que se instalaram no local alguns grupos como a Cacique e a Cervejaria Londrina. A autora supracitada afirma

que o lucro extraído da atividade cafeeira iria gerar esse embrião do processo de industrialização do município

Entretanto, foi nas décadas seguintes que a cidade de Londrina apresentou um crescimento considerável, apresentando "[...] um mercado consumidor de envergadura, com mão-de-obra disponível e, ainda, a existência de matéria prima abundante, gerando a necessidade de novas aberturas para a atividade produtiva" (CESÁRIO, 1981, p.41).

De acordo com Cesário (1981), esses fatores, somados às pressões acumuladas desde a colonização, criariam um impasse para o setor secundário, despertando no poder público municipal o interesse em criar programas de incentivo à industrialização, uma vez que o parque industrial do município nas décadas de 1960 e 1970 era bastante incipiente. Conforme destaca a autora sobre a criação de parques industriais e os incentivos para a industrialização, deve-se compreender que na época o município tinha poucos anos de criação, conseqüentemente,

[...] o processo industrial também é novo. A maior parte das indústrias se implantou nos anos 60 (186 unidades, representando 45% do universo atual), e nos três primeiros anos da década de 70 houve a implantação de 158 empresas industriais (CESÁRIO, 1981, p. 42).

De conformidade com a realidade descrita acima, Londrina (1979) relata que o desenvolvimento do setor industrial nessa cidade resulta da evolução da região concentradora e distribuidora de atividades. Desse modo, foi em função da alta produtividade das áreas agricultáveis que se expandiu o setor secundário, dentro de ramos do tipo tradicional, aproveitando a matéria-prima local.

Em números, Londrina (1979) traça um histórico da produção em períodos distintos, tendo como parâmetro os anos de 1960, 1970 e 1974. Quanto ao número de estabelecimentos, Londrina respondia por 4,1% do total do estado do Paraná em 1960; 4,07% em 1970 e 3,90% em 1974, evidenciando um declínio da participação londrinense no número de estabelecimentos industriais no estado do Paraná.

O processo inverso ocorre com outras duas variáveis de análise, que são: pessoal ocupado e valor da produção. O número de pessoal ocupado do município de Londrina em relação ao do estado do Paraná, em 1960, era de 3,4%; em 1970, era 4,62%; e, em 1974, era 5,87%. O valor da produção subiu de 6,5% em 1960, para 7,78% em 1970 e 8,82% em 1974

Dois fatos importantes para contextualizar o processo de industrialização londrinense foram a criação do Parque das Indústrias Leves e também a Superintendência de Desenvolvimento Industrial de Londrina (SUDESIL), que respectivamente têm suas criações em janeiro e agosto de 1971 e de acordo com Cesário (1981), ambos nasceram por necessidades estruturais do próprio município, pois na falta de um órgão estadual de planejamento da industrialização, o município de Londrina teve de fomentar a industrialização por si mesmo.

Nesse sentido, para Londrina (1979) outros esforços envidados para estimular a industrialização na cidade se deram em 1972, com a criação dos Centros industriais (CILOS) que ofereciam infraestrutura própria para as empresas e situavam-se fora das zonas residenciais e comerciais. Desse modo,

para implantar esses CILOS foi criada, na época, a Superintendência de Desenvolvimento Industrial de Londrina (SUDESIL), autarquia depois incorporada pela Companhia de desenvolvimento de Londrina (CODEL), que atualmente orienta a criação e implantação de novas indústrias. Quanto aos CILOS, concentram hoje atividades de pequeno, médio e grande porte (LONDRINA, 1979, p.109).

Sobre a localização, o Parque, situa-se

na margem da BR 369, que liga o Norte do Paraná ao Estado de São Paulo. Congregando indústrias de pequeno porte – na essência voltadas para o mercado regional – abrange uma área física de 477.200 m². Dividida em três blocos, o primeiro com área de 140.000 m², contava com vinte indústrias em funcionamento, cinco em fase de construção e sete para serem construídas. O segundo bloco, com área de 145.200 m², destinado exclusivamente a indústrias de produto de origem animal, contava com uma indústria em fase de implantação (CESÁRIO, 1981, p. 51).

A SUDESIL, funcionava na área do Parque e oferecia constante atendimento aos empresários, quer através dos serviços de assistente social, quer por intermédio de outros funcionários da assessoria jurídica, divisão de pesquisas e seção de projeto e coordenação de implantação das indústrias (CESÁRIO, 1981, p.51).

Sobre a vinda de indústrias, Cesário (1981) destaca que ocorreu uma coincidência entre a época de maior crescimento do processo industrial de Londrina e a vinda dessas indústrias. Sobre as indústrias existentes em Londrina na década de 1970, tem-se que

[...] até então eram voltadas basicamente para o mercado local e regional, uma vez que o norte paranaense possuía uma infra-estrutura deficiente

para o escoamento da produção para outras regiões, o que tornaria economicamente inviável a produção que ultrapassasse os limites regionais e caracterizavam-se por possuírem um baixo nível tecnológico, utilizando em grande parte a matéria prima local. Deste modo, a indústria regional pós 1990 cresceu ligada aos setores alimentício, vestuário, madeira e mobiliário, metalurgia, além da agroindústria, sendo profundamente marcada por investimentos de capitais locais e regionais (GALERA, 2008, p. 26-27).

Cesário (1981) aponta que as desvantagens de Londrina na década de 1970 derivavam do hábito e da inclinação para os empreendimentos agrícolas e sobre a natureza agroindustrial de Londrina e afirma, também, que em uma economia como a do norte do Paraná, o café, que era o principal produto da época, foi o elemento catalisador das demais ocorrências econômicas do resto do sistema.

De acordo com a mesma autora, a tônica do processo industrial foi dada ora pelos empresários de indústrias de pequeno porte, voltadas para faixas residuais do mercado regional, ora por um número ainda limitado de empresários que implantaram na região filiais de aglomerados maiores. Já no início dos anos de 1980, Cesário (1981) afirmava que Londrina tinha uma importante função a cumprir, pois se constitui como polo administrativo e prestador de serviços de uma vasta região agrária. E ainda afirmava na época que estudar a indústria Londrinense, era “[...] o estudo de um sistema industrial com posição periférica numa região onde a agricultura desempenha papel central” (CESÁRIO, 1981, p.14).

Sobre os incentivos para a industrialização londrinense é importante destacar que também houve ação do governo estadual, porém, com pouco sucesso, tendo em vista que

muitos dos empreendimentos liderados por grupos locais, em função da inexperiência que levava à suposição de que a industrialização é possível com pequenos investimentos fixos, tiveram que ser transferidos a grupos econômicos externos à região, especialmente de São Paulo, detentores de experiência industrial e capazes de conduzi-los de forma eficiente e rentável (CESÁRIO, 1981, p. 41).

Para Cesário (1981) o processo industrial londrinense é semelhante ao paulista, pois está vinculado à produção cafeeira, mas cada um trilhou rumos distintos no desenvolvimento de sua dinâmica industrial. O predomínio das pequenas empresas industriais pode em parte ser explicado pelo tipo de colonização ocorrido, com predominância de pequenas e médias propriedades ligadas às atividades cafeeiras. A cidade de Londrina

[...] apresenta um setor terciário edificado com base numa estrutura agrícola. O comércio apresenta uma configuração bastante heterogênea. Possui faixas constituídas de pequenos e médios empreendimentos voltados para as camadas assalariadas dos bairros periféricos da cidade. Outras faixas mais sofisticadas voltam-se para os proprietários rurais, setores da classe média localizados na cidade ou em cidades vizinhas e, ainda os empresários do setor terciário. Mais do que o próprio comércio, talvez o setor de serviços está voltado para atender o mercado regional, principalmente na área da saúde e educação (CESÁRIO, 1981, p.42).

Para Fresca (2004), já na década de 1980, a industrialização do norte do Paraná estava fortalecida com a grande participação de iniciativas de investimentos locais e regionais com a transferência de capital de atividades urbanas e rurais à implantação de unidades industriais.

A partir do final da década de 1980, e, principalmente após a estabilização da economia e a implantação da nova moeda, o Real, houve um crescimento considerável da indústria no município de Londrina, tanto no que se refere ao número de estabelecimentos, quanto ao pessoal ocupado.

No início da década de 1990, tem-se a criação do distrito industrial de Londrina e, de acordo com Londrina (1990, s.p.), tinha a seguinte configuração: a área apresenta as dimensões médias de 3 km na direção Norte-Sul e 6 km na direção Leste-Oeste. Tem como limite Oeste a Rodovia PR-445, ao norte o Ribeirão Jacutinga e Zona Rural, a Leste, a maioria dos conjuntos residenciais populares da cidade, ao sul o Ribeirão Lindóia, pátio e linha ferroviária, setor industrial antigo e Rodovia BR-369.

Quanto aos projetos de incentivo à instalação industrial,

o município de Londrina também apresenta instrumentos de incentivo às indústrias, como a Lei 5.699/93 que, semelhante às existentes nos demais municípios da Microrregião, se apoiava em incentivos fiscais, tributários e financeiros. O tempo de duração das isenções, entre elas sobre o IPTU, pode variar até dez anos para as indústrias instaladas na zona urbana e até quinze anos para as instaladas na zona rural e nas sedes dos distritos e patrimônios (LONDRINA apud BRAGUETO; CUNHA, 2002, p.41).

Como destaca Londrina (1990), quando se remonta ao período inicial da industrialização, tem-se que os novos eixos industriais do Sul do Brasil formam um arco que caminha para o norte do Paraná, onde um “boom” de implantação industrial já mostra tendências firmes nos setores têxtil e de confecções, com crescente expansão agroindustrial e grandes perspectivas em couro, calçados, laticínios. Essa

tendência foi se materializando e Londrina delineou uma industrialização ligada aos setores mais tradicionais da indústria, sendo menos intensivos em tecnologia, como nos setores industriais de Calçados, Vestuário e Artefatos de Tecido; Produtos alimentícios, Bebidas e Álcool etílico e no setor Metalúrgico.

Outro ponto importante a ser destacado é que, apesar de Londrina possuir um setor industrial sustentado pelos setores tradicionais, ligados principalmente à transformação de produtos agrícolas, o município possui uma considerável diversificação industrial, abrigando setores dinâmicos na indústria como os ramos das indústrias mecânica e da química que se destacam no número de pessoal ocupado na indústria londrinense.

Outra característica que evidencia a tese do crescimento endógeno industrial em Londrina é que mais de 85% do número de estabelecimentos e do número de pessoal ocupado são provenientes das micro e pequenas empresas, demonstrando que as multinacionais não são a regra das indústrias em Londrina. Uma nova dinâmica da indústria londrinense passa a ocorrer a partir do início dos anos de 1990, caracterizada por um crescimento significativo do número de estabelecimentos e pessoal ocupado.

A dinâmica industrial londrinense entre os anos de 1992 e 2011.

Para a verificação da dinâmica industrial londrinense no período de 1992 a 2011, utilizou-se como indicadores o número de estabelecimentos e de pessoal ocupado, conforme os dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) do Ministério do Trabalho e Emprego e dados relativos ao valor adicionado, do Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES), conforme os ramos industriais.

Em função da importância mais evidente em alguns dos ramos industriais no município de Londrina, convencionou-se neste artigo trabalhar a realidade dos seguintes ramos: Calçados, vestuário e artefatos de tecido; Produtos alimentícios, Bebidas e álcool etílico; Metalúrgica; Madeira e mobiliário; Mecânica e Química, e os outros ramos industriais (Extrativo mineral; Produtos minerais não metálicos; Papel, papelão, editorial e gráfica; Borracha, fumo, couros, peles e similares; Material

elétrico e de comunicações e Material de transporte) foram agrupados em um grupo único denominado “Outros”.

No que se diz respeito aos estabelecimentos, verifica-se que, no período de 1992 a 2011, houve aumento de 120% no número total de indústrias em Londrina. Também é possível perceber, na Figura 1, que os setores industriais com o maior número de estabelecimentos no ano de 2011, são respectivamente: Calçados, Vestuário e Artefatos de tecido (19,27%); Produtos alimentícios, bebidas e álcool etílico (13,63%); Metalúrgica (13,18%); Madeira e mobiliário (9,70%); Química (8,30%); Mecânica (3,93%) e Outros (31,99%)

É importante ressaltar que, no presente artigo, considerou-se o total de funcionários das empresas, excluindo aquelas empresas industriais de caráter familiar que não contratam mão de obra assalariada.

Quanto ao número de pessoal ocupado, pode-se verificar que, no decorrer do período de 1992-2011, houve aumento de 112,36% no número de trabalhadores nas indústrias em Londrina. O maior número de pessoal ocupado, no ano de 2011, concentra-se respectivamente nos seguintes ramos: Calçados, Vestuário e Artefatos de tecido (25,58%); Produtos alimentícios, bebidas e álcool etílico (17,53%); Química (11,63%); Metalúrgica (9,16%); Mecânica (7,95%); Madeira e mobiliário (6,09%) e Outros (22,06%) (Figura 2).

No período em análise, os ramos que apresentaram maior crescimento relativo do pessoal ocupado foram o Mecânico e o Metalúrgico que cresceram 733% e 381%, respectivamente, bem como o ramo de Produtos alimentícios, bebidas e álcool etílico que cresceu 215%.

A realidade demonstrada nas Figuras 1 e 2 não diferem muito, haja vista que os dois ramos industriais de maior relevância são os mesmos nas duas variáveis de análise. É prudente ressaltar que os avanços e recuos perceptíveis nos gráficos da indústria londrinense são concomitantes aos processos resultantes das dinâmicas locais, regionais, nacionais e globais da indústria e, desta forma, é necessário considerar os fatores conjunturais (avanço do crescimento do número de estabelecimentos e de pessoal ocupado) e estruturais (substituição do trabalho humano pelo da máquina) da economia que influenciam profundamente a realidade industrial.

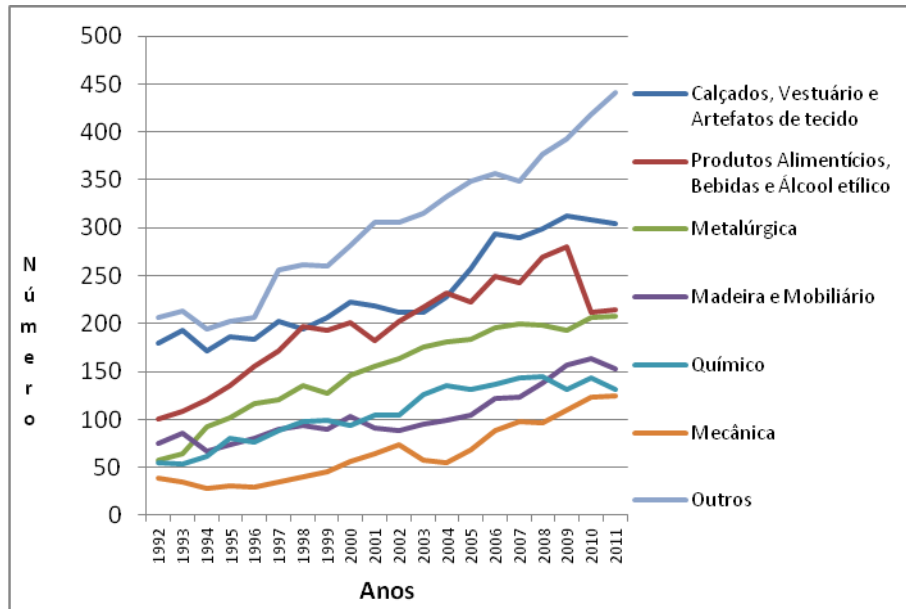


Figura 1 – Evolução do número de estabelecimentos industriais em Londrina no período de 1992-2011. Fonte: MTE/RAIS (2013). Organizado pelo autor.

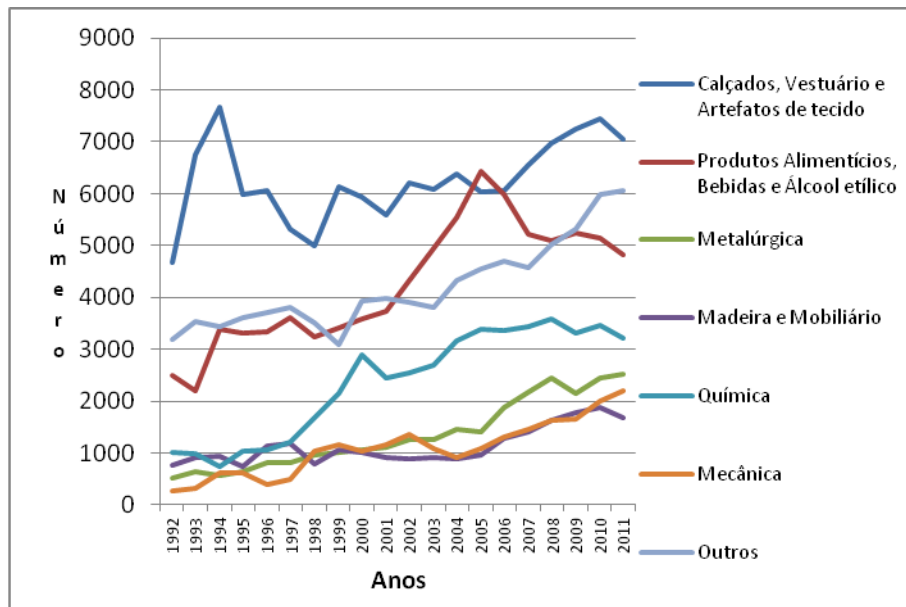


Figura 2 – Evolução do número de pessoal ocupado em estabelecimentos industriais em Londrina no período de 1992-2011. Fonte: MTE/RAIS (2013). Organizado pelo autor (2015).

Conforme fica evidente na Tabela 1 e Figura 2, ocorreu aumento próximo de 114% no número total de pessoal ocupado, bem como houve predomínio em todo o período do pessoal ocupado empregado nos setores de menor intensidade tecnológica, embora, em especial a partir de 1997, também ocorresse o crescimento do pessoal ocupado nas indústrias de maior intensidade tecnológica.

No decorrer do período de análise, o número de pessoal ocupado nas indústrias de menor intensidade tecnológica oscilou de 84,39% em 1992 para 72,18% em 2011, enquanto aquelas de maior intensidade tecnológica passaram de uma participação no total do pessoal ocupado de 15,6% em 1992 para 27,8% no ano de 2011, apontando um crescimento da importância das indústrias de maior intensidade tecnológica.

A mesma realidade pode ser constatada quando se verificam os estabelecimentos, ou seja, no período, houve crescimento expressivo de 120% no número de estabelecimentos industriais no município de Londrina, porém com amplo predomínio daqueles de menor intensidade tecnológica, apresentando em 1992 o percentual de 80,17% e em 2011 77,63% (Tabela 2).

Contribuiu para essas transformações a dinâmica de dispersão de indústrias da capital paulista para o município de Londrina, beneficiadas pelo programa de atração de investimentos do governo estadual em meados dos anos de 1990. A título de exemplo, dentre as empresas que foram transferidas para Londrina e região, Bragueto (2007) dá destaque para a Dixie Toga, a Atlas Schindler, a Pado e a Hexal.

Cabe destacar que o programa Paraná Mais Empregos teve uma atuação bastante desigual espacialmente no estado do Paraná. A maior parte das indústrias implantadas concentraram-se na Região Metropolitana de Curitiba. Em especial aquelas de maior porte e de maior intensidade tecnológica, menos intensivas em mão de obra, mas que geram maior valor adicionado. As demais regiões foram beneficiadas com investimentos pontuais que resultaram em poucas transformações na estrutura industrial. Esta realidade é comprovada por Firkowiski (2001, p.143 e seguintes) ao estudar a nova territorialidade da indústria no Aglomerado Metropolitana de Curitiba, em que a maior parte dos investimentos deste programa concentraram-se nesta região.

Em outro trabalho Firkowiski (1999, p.170), ao analisar as 77 indústrias beneficiadas pelo Programa Paraná Mais Empregos até junho de 1988, constatou que os gêneros denominados como de indústrias tecnológicas, tiveram 70% do total de investimentos concentrados na Região Metropolitana de Curitiba.

Porém, os fatores atrativos não se restringem ao programa de isenção fiscal. Contribuiu para que a região se tornasse um território passível de receber plantas

industriais transferidas, as condições gerais de produção presentes. Conforme Fresca (2013), a cidade contava em 2012 com 100 agências de comunicação; diversas consultorias jurídicas, oito empresas de consultorias ambientais, inclusive uma delas está inserida no segmento de SIG; seis grandes empresas do ramo do agronegócio; um laboratório para ensaios têxteis (Lalon); além de várias agências de serviços federais.

Além desses fatores, já pontuados, que retratam a importância econômica da cidade, Londrina possui um aeroporto, abriga uma unidade de pesquisa da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), a Embrapa Soja, bem como possui serviços qualificados, que podem ser inseridos no setor quaternário da economia.

Embora a indústria de maior intensidade tecnológica passe a aumentar sua importância somente a partir do ano de 1997, Londrina (1979) afirma que, no final da década de 1970, já houve o aparecimento de indústrias dos ramos ditos dinâmicos em Londrina como Mecânica (32 estabelecimentos), de Material elétrico e comunicação (26 estabelecimentos) e Material de transporte (17 estabelecimentos). No tocante ao valor adicionado, Londrina (1979) aponta que esses ramos mais dinâmicos estavam se tornando mais representativos.

Posto isso, a terceira variável analisada foi o valor adicionado, porém os dados fornecidos pelo IPARDES não possuem a mesma classificação daqueles utilizados para o número de estabelecimentos e pessoal ocupado (classificação denominada de IBGE SUBSETOR). Desse modo, foi feita uma compatibilização entre as classificações dos dados da RAIS e IPARDES que resultou na Tabela 3. Também não foi possível a análise para todo o recorte temporal adotado, uma vez que os dados estão disponíveis somente a partir de 2007.

Nos anos de 2008 e 2009, houve uma queda considerável no valor adicionado, consequência da crise econômica internacional. A partir de 2010, houve uma tímida recuperação e em 2011 retornou-se praticamente ao mesmo valor do início do estudo. Porém, os ramos industriais não apresentaram dinâmicas idênticas, pois nem todos apresentaram queda no período. Entre 2007 e 2011 dentre os ramos industriais que apresentaram crescimento destacam-se a indústria Metalúrgica (45,90%) e a indústria Têxtil do vestuário, artefatos de tecidos e calçados (44,61%).

Tabela 1 – Número de pessoal ocupado conforme a intensidade tecnológica da indústria em Londrina (PR) no período de 1992-2011.

Anos	Menor intensidade tecnológica		Maior intensidade tecnológica		Total	
	Número	%	Número	%	Número	%
1992	10890	84,39	2015	15,61	12905	100,00
1996	13464	81,83	2990	18,17	16454	100,00
2000	13983	73,90	4938	26,10	18921	100,00
2004	18115	75,65	5832	24,35	23947	100,00
2008	19229	72,11	7438	27,89	26667	100,00
2011	19958	72,18	7694	27,82	27652	100,00

Fonte: MTE/RAIS (2013).
Organizado pelo autor (2015).

Tabela 2 - Número de estabelecimentos conforme a intensidade tecnológica da indústria em Londrina (PR) no período de 1992-2011

Anos	Menor intensidade tecnológica		Maior intensidade tecnológica		Total	
	Número	%	Número	%	Número	%
1992	582	80,17	144	19,83	726	100,00
1996	705	81,22	163	18,78	868	100,00
2000	898	80,25	221	19,75	1119	100,00
2004	1007	78,73	272	21,27	1279	100,00
2008	1215	78,74	328	21,26	1543	100,00
2011	1239	77,63	357	22,37	1596	100,00

Fonte: MTE/RAIS (2013).
Organizado pelo autor (2015).

Por outro lado, apresentaram crescimento negativo a indústria Química (-32,20%); Madeira e do mobiliário (-29,27%); Mecânica (-29,17%) e a indústria de Produtos alimentícios, bebidas e álcool etílico (-8,99%). No geral, somando todos os setores, houve, no período, um leve decréscimo de 0,58% no total do valor adicionado da indústria de Londrina (Tabela 3).

No que se refere à importância dos ramos industriais, observa-se que, quanto ao valor adicionado, as indústrias de maior intensidade tecnológica apresentam

maior relevância do que quanto ao número de estabelecimentos e pessoal ocupado. No ano de 2011, destacavam-se a indústria Química (23,31%) e a indústria Mecânica (9,04%).

Quanto às indústrias de menor intensidade tecnológica destacavam-se a de Produtos alimentícios, bebidas e álcool etílico (18,72%); indústria Têxtil do vestuário, artefatos de tecidos e calçados (16,55%); indústria metalúrgica (7,10%) e a indústria da madeira e do mobiliário (5,53%) (Figura 03).

Tabela 3 - Valor adicionado dos ramos industriais em Londrina (PR) no período de 2007-2011.

Valor adicionado (R\$1,00)*					
Ramos industriais	2007	2008	2009	2010	2011
Mecânica	178.660.165	130.788.788	149.566.054	153.590.167	126.535.773
Metalúrgica	68.162.588	62.202.473	49.051.035	57.952.190	99.452.726
Madeira e Mobiliário	109.452.392	78.257.722	59.321.224	66.009.597	77.411.200
Química	481.347.619	509.730.806	335.561.200	309.314.425	326.331.840
Têxtil e vestuário	160.230.632	161.013.519	173.206.557	150.869.975	231.715.743
Alimentos e bebidas	288.048.751	274.508.849	263.524.721	265.999.235	262.132.444
Outros	190.148.376	177.362.658	195.597.388	239.712.467	276.078.584
Total	1.476.049.523	1.393.864.815	1.225.828.179	1.243.448.056	1.399.658.310

*Valores corrigidos segundo o IGP-M (FGV)
 Fonte: IPARDES (2014).
 Organizado pelo autor (2015).

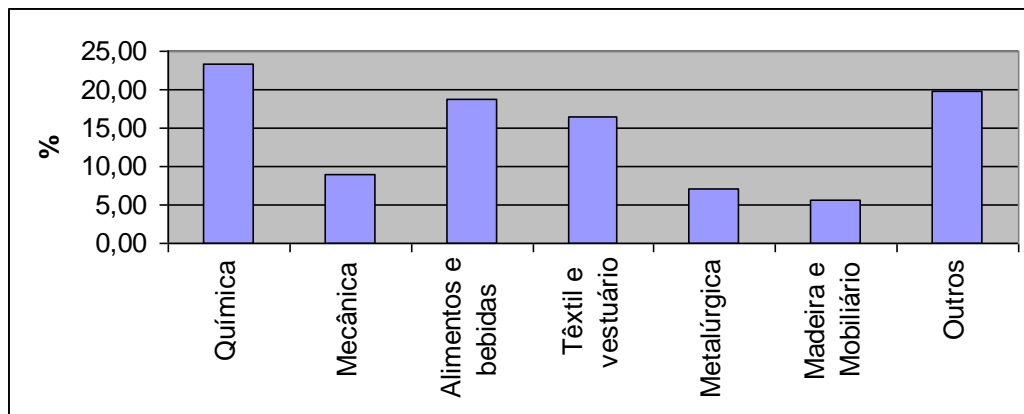


Figura 3 – Valor adicionado (%) por ramos industriais em Londrina - 2011.
 Fonte: IPARDES (2014). Organizado pelo autor.

CONCLUSÕES

O setor industrial de Londrina tem sua dinâmica pautada principalmente nas mudanças endógenas, de modo que a cidade não foi palco de muitas transferências industriais, pois a maioria absoluta das empresas industriais tem sua gênese no capital local, seja pela mudança de atividade econômica, seja pela continuidade das atividades laborais familiares. Contudo, não é possível negar os impactos das mudanças em nível global na economia e na própria indústria, haja vista que o modo como os empresários concebem-na foi ressignificado, especialmente, em um contexto de competição por nichos de mercado seja em nível local, regional, nacional, seja no internacional.

Destarte, como é sabido, isso deriva, em parte, da reestruturação produtiva do capital, processo no qual a indústria em si passou por impactantes mudanças, alterando seu modo organizacional e produtivo, o que implicou profundas mudanças sócio-espaciais.

Quanto à inserção do município na divisão territorial do trabalho, compreende-se que Londrina pela própria gênese estava conectada às demandas do setor primário. Tal inserção apresentava laços estreitos com São Paulo, relação essa que perdura, mas que, na atualidade, assume outros moldes, a exemplo das transferências industriais ocorridas na segunda metade dos anos de 1990, que em parte foram beneficiadas pelo Programa Paraná Mais Empregos.

No tocante à dinâmica industrial de Londrina, embora comece a haver uma maior preocupação com o setor nos anos de 1970, o crescimento foi incipiente. Somente a partir do início dos anos de 1990 o município passou a exibir índices de crescimento mais representativos, apresentando aumento de 114,27% no total de pessoal ocupado, ou seja, no total de postos de trabalho nas indústrias e aumento de 119,83% no total de estabelecimentos, no período de 1992 a 2011.

Apesar do referido crescimento, o setor secundário representa apenas 18,3% do valor adicionado do município em 2011, enquanto o setor terciário chega a 80%. Essa participação relativamente pequena, apesar do crescimento ocorrido, em boa parte ocorre em função do tipo de indústria existente. Há um predomínio dos ramos industriais de menor intensidade tecnológica, fato comprovado pelos dados de 2011 em que essas empresas representam 80,66% do total de estabelecimentos e

72,17% do total de pessoal ocupado na indústria de Londrina. Dentre os principais ramos destacam-se os de Calçados, vestuário e artefatos de tecido; Produtos alimentícios, bebidas e álcool etílico; Metalúrgica e Madeira e mobiliário. No que se refere ao valor adicionado produzido, os quatro ramos acima mencionados somam 47,90% do total.

Quanto aos ramos de maior intensidade tecnológica destacam-se a indústria Química e Mecânica. Em relação ao valor adicionado, a participação desses dois ramos é maior, comparativamente ao número de estabelecimentos e pessoal ocupado, representando 32,55% do total.

Entretanto, é necessário destacar que, entre as variáveis de pessoal ocupado e do número de estabelecimentos, o percentual de indústrias de maior intensidade tecnológica vem aumentando.

Para concluir, compreende-se que Londrina apresentou um quadro de crescimento nas variáveis de pessoal ocupado e do número de estabelecimentos e, de certo modo, tem assistido a um aumento dos ramos de maior intensidade tecnológica no período de análise. Este crescimento ocorreu principalmente em função das condições gerais de produção estabelecidas historicamente, uma vez que o principal instrumento de atração de investimentos adotado pelo estado do Paraná, no período, apresentou um número reduzido de empresas instaladas no município. Diante dos resultados encontrados, nos futuros estudos sobre a produção industrial, a produção do espaço, bem como da dinâmica industrial londrinense, deve ser levado em consideração o fato de que o município não pode mais ser estudado isoladamente, pois há claras trocas sinérgicas entre Londrina e os municípios mais próximos da região metropolitana.

Referências

AUGUSTO, M. H.O. Formulação do projeto de desenvolvimento paranaense. In: _____. **Intervencionismo estatal e ideologia desenvolvimentista**. São Paulo: Símbolo, 1978.

BOTELHO, A. A Produção do Espaço e a Indústria. In: **Do fordismo à produção flexível: o espaço da indústria num contexto de mudanças das estratégias de acumulação do capital**. São Paulo: Annablume, 2008.

BRAGUETO, C.R. **O Aglomerado Urbano-Industrial de Londrina: sua constituição e dinâmica industrial.** 2007, 266f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

_____. **A inserção da Microrregião Geográfica de Londrina na divisão territorial do trabalho.** 1996. 323f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – USP. São Paulo.

BRAGUETO, C. R.; CUNHA, F. C. A. da. A divisão territorial do trabalho e o processo de industrialização da Microrregião Geográfica de Londrina. **Geografia**, Londrina, v.11, n.1, p.33-46, jan./jun.2002.

BRASIL, Ministério do Trabalho e Emprego. **A situação do trabalho no Brasil na primeira década dos anos 2000.** São Paulo: DIEESE, 2012

CESÁRIO, A. C. C. **Industrialização e pequenos empresários em Londrina.** Curitiba: Grafipar, 1981.

DEDECCA, C. S. Anos 90: a estabilidade com desigualdade. In: PRONI, M. W; HENRIQUE, W. (Org). **Trabalho, mercado e sociedade: o Brasil nos anos 90.** São Paulo: Editora da Unesp/ IE- UNICAMP, 2003.

FARAH JÚNIOR, M. F. **Pequena Empresa e Competitividade: desafios e oportunidades.** Curitiba: Juruá, 2004.

FIRKOWSKI, Olga Lúcia C. de Freitas. Industrialização, questão ambiental e Mercosul.

Geografia: Revista do Departamento de Geociências, Londrina, v.8, n.2, p.161-174, jul./dez. 1999

_____. **A nova territorialidade da indústria e o aglomerado metropolitano de Curitiba.** 2001. 278f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

FRESCA, T. M. Londrina - PR como espaço metropolitano: uma análise a partir dos serviços superiores. In: ENANPEGE, n.10, 2013, Campinas. **Anais...** Geografias, Políticas Públicas e dinâmicas Territoriais. Dourados: UFGD Editora, 2013. p. 1394-1406.

_____. **A rede urbana do norte do Paraná.** Londrina: Eduel, 2004.

GALERA, M. M. **Industrialização da região metropolitana de Londrina (RML): a ação sindical e os reflexos nas condições de emprego e renda dos trabalhadores.** 2008. 67f. Monografia (Bacharelado) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2008.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. 5 ed. São Paulo:Loyola, 1992.

LENCIONI, S. Condições gerais de produção: um conceito a ser recuperado para a compreensão das desigualdades de desenvolvimento regional. **Scripta Nova**: revista electrónica de geografia y ciencias sociales. Barcelona: Universidad de Barcelona, v. 11, n. 245, s.p, ago. de 2007.

_____. **Região e geografia**. São Paulo: Edusp, 2003.

LONDRINA, P. M. **Londrina, Norte do Paraná**: a próxima estação industrial do Brasil. Londrina: Prefeitura Municipal de Londrina, 1990.

_____. **PDU – Plano de Desenvolvimento Urbano**: Londrina. Situação 79. Londrina, 1979.

MARANGONI, G. Anos 1980, década perdida ou ganha?. **Desafios do desenvolvimento**, Brasília, v.9, n.72 ,s.p., 2012.

MOREIRA, R. A nova divisão territorial do trabalho e as tendências de configuração do espaço brasileiro. In: LIMONAD, E.; HAESBAERT, R.; MOREIRA, R. (Org.).**Brasil, século XXI**: por uma nova regionalização?: agentes, processos, escalas. São Paulo: Max Limonad, 2008. p.121-152.

PARANÁ, *Coordenação da Região Metropolitana de Londrina*. **Comel-munípios**. Disponível em:<<http://www.desenvolvimentourbano.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=58>>. Acesso em: 23 out. 2013.

SAAB, T.B. **As micro e pequenas empresas e a dinâmica industrial londrinense (1992-2011)**. 2014.127f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2014.

SMITH, N. **Desenvolvimento desigual**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

(Recebido em 28.06.2015; Aceito em: 11.05.2016)